



COVID-19 E CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Camila Victória Pereira da Silva ¹
Genilson Bento dos Santos ²
Clésia Oliveira Pachú ³

RESUMO

Introdução: A pandemia da COVID-19 trouxe grandes desafios aos sistemas de saúde e às políticas de saúde pública em todo o mundo. Os múltiplos fatores atribuíveis às condições de saúde tanto clínicas, psicológicas e sociais exigiram dos equipamentos de saúde novas estratégias de tratamento e prevenção diante da pandemia. Entre estas, pode-se incluir, o consumo de substâncias psicoativas, colaborando para a adicção. **Objetivo:** Analisar a relação entre COVID-19 e consumo de substâncias psicoativas por profissionais da saúde por meio de uma revisão da literatura. **Metodologia:** O presente artigo de natureza qualitativa versando acerca da relação COVID-19 e consumo de substâncias psicoativas por profissionais de saúde foi realizado por meio de uma revisão da literatura, no período de outubro a novembro de 2020. Como fonte de dados, utilizou-se os bancos de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google acadêmico. **Resultados e discussões:** Da totalidade de 2613 estudos recuperados, obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados nove estudos. Os indivíduos que fazem uso de substâncias psicoativas têm alto risco para infecção e mortalidade relacionada ao SARS-CoV-2. **Considerações finais:** O contato frequente com pessoas com COVID-19 acompanha o estresse econômico, estigmas sociais e esgotamento emocional vinculado à pandemia. Desta maneira, faz-se necessário construir Política Pública que colabore na prevenção ao consumo de substâncias psicoativas por profissionais de saúde.

Palavras-chave: COVID-19; Substâncias Psicoativas; Abuso de Drogas; Profissionais da Saúde.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi confirmado o primeiro caso de infecção pelo novo Coronavírus (infecção por Sars-CoV-2) (WANG et al., 2020). Iniciava-se, nesse momento, uma pandemia que logo foi confirmada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tornando-se emergência de saúde pública em diversos países. No Brasil, em 03 de fevereiro de 2020 com a publicação, pelo Governo Federal, da Portaria Nº 188 editada pelo Ministério da Saúde, estava sendo declarada “Emergência em Saúde Pública de Importância

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, camilavpereira97@gmail.com;

² Graduando do Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, genilsonoficial@gmail.com;

³ Professora Doutora, membro do Núcleo de Educação e Atenção em Saúde da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, clesiapachu@hotmail.com.



Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)” (BBC, 2020).

O desencadeamento da infecção causada pelo novo coronavírus projetou-se negativamente sobre a saúde pública mundial, ressaltando as deficiências vigentes no sistema, repercutindo caoticamente sobre a sociedade, e vulnerabilizando ainda mais os trabalhadores da área da saúde (HELIOTERIO et al., 2020). A saber, o desdobramento abrupto da pandemia, resultou na reorganização da vida em sociedade, nos hábitos individuais e coletivos, mobilidade, consumo, relações interpessoais, exigindo assim, a aplicabilidade de medidas resolutivas e/ou adaptativas. Tornando-se perceptível após o curso de sua apresentação, que o COVID-19 denota a fragilidade a qual está submetido o sistema de saúde mundial.

Nas palavras do mesmo autor, no tocante ao Brasil, essas repercussões foram ainda mais severas, visto que há negligência na efetividade das políticas públicas, bem como desvalorização do investimento em saúde pública, ciência, tecnologia, aspectos que atravessam e ratificam a vigência da crise sanitária no país. É sabido que em situações como esta, a função de trabalhadores da área da saúde se torna crucial. A exposição a qual estão suscetíveis evidencia a problemática do desmerecimento aos serviços ligados ao cuidar, além de, reverberar demandas exponenciais sobre eles gerando níveis de exaustão e esgotamento.

O uso de substâncias psicoativas existe em todas as esferas da sociedade, incluindo consumo entre os profissionais de saúde (KENNA e LEWS, 2008; WU, 2010). Para tanto, faz-se imprescindível considerar o impacto que a experiência diária nesses trabalhadores implicando em suas vidas tanto, seja vieses emocionais, psicológicos e comportamentais.

Nesse sentido, existe preocupação com possível contágio, isolamento social e separação de seus entes queridos, a fim de evitar possível transmissão do vírus. Outras inquietações dizem respeito ao estigma social frente a situação de emprego, mudança em seu local de trabalho usual e necessidade constante de medidas de proteção no local de trabalho. Esta situação “exposta” atua como fator de diferenciação contra um estressor global, e dessa forma, concentra maior preocupação entre os profissionais da saúde envolvidos (ZHANG et al., 2020).

Observando as escalas de estresse COVID-19, recentemente desenvolvidas, categorizam os estressores da pandemia em cinco categorias: medo de perigo e contaminação, estresse social e econômico, sintomas de estresse traumático, comportamento de busca de verificação e garantia e xenofobia (TAYLOR et al., 2020). Esses aspectos refletem os



transtornos vivenciados pela população e cada um dos fatores pode contribuir para o aumento do risco de uso indevido de substâncias psicoativas.

Por conseguinte, os trabalhadores, em especial os profissionais da saúde, lidam com tais adversidades, podendo colocá-los como grupo de risco, particularmente alto, para uso e abuso de substâncias psicoativas (MCKAY; ASMUNDSON, 2020). Além disso, a população afetada por transtornos de uso de substâncias psicoativas compreende um público de alto risco para infecção e mortalidade relacionada ao SARS-CoV-2. Portanto, o presente estudo de revisão objetiva analisar a relação entre COVID-19 e consumo de substâncias psicoativas por profissionais da saúde.

METODOLOGIA

A presente pesquisa de natureza qualitativa, acerca da COVID-19 e consumo de substâncias psicoativas foi realizada por meio de revisão da literatura, no período de outubro a novembro de 2020. Optou-se pela revisão da literatura em base de dados nacionais e internacionais, por meio da leitura, análise, interpretação e seleção de artigos de revistas científicas. Na busca em bases de dados, foram escolhidas a Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Scholar.

Fundamentado por referenciais literários, utilizou-se na estratégia de busca nas diferentes bases de dados escolhidas, os operadores Booleanos AND e OR e respectivos Descritores em Ciências da Saúde / Medical Subject Headings (DeCS/MeSH). Diante disso, utilizou-se os seguintes descritores: “COVID-19”; “Doença pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV)”; “Dependência de substâncias”; “Dependência química”; “Abuso de drogas”; “Profissionais da saúde” e “Trabalhadores da saúde” / "COVID-19"; “coronavírus”; "Dependence, Drug"; Abuse, Drug e Health Professional.

Como critérios de inclusão, os artigos deveriam abordar temática envolvendo a COVID-19, uso de substâncias ou dependência química e profissionais da saúde, terem sido publicados na literatura nos últimos 5 anos e apresentados nos idiomas português, inglês ou espanhol (KOCHE, 2011; LUDKE e ANDRÉ, 2013).

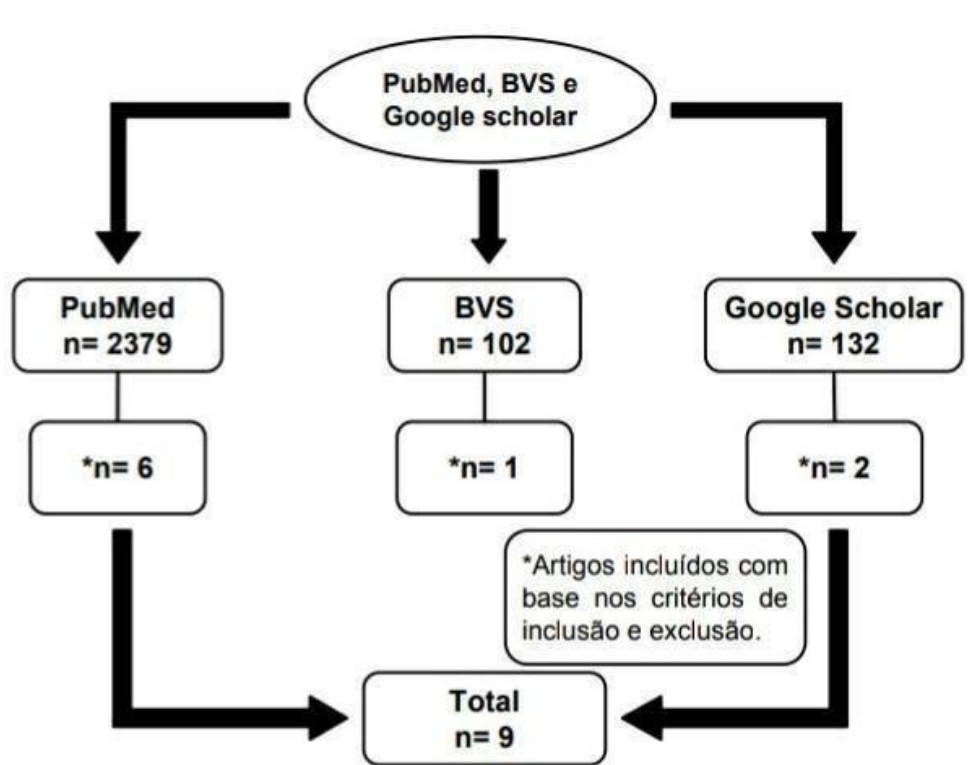
A execução das pesquisas deu-se de forma autônoma pelos autores, frente a dispositivos eletrônicos, seguindo critérios lógicos de busca, atendendo a fonte determinada: literatura científica (PEREIRA et al., 2018). Foram excluídos os estudos incoerentes com a

proposta do trabalho, aqueles que não abordavam as temáticas COVID-19, profissionais da saúde e o uso de substâncias psicoativas; resumos de trabalhos e aqueles que não disponibilizaram gratuitamente o texto para leitura e análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da busca nas bases de dados compreendeu 2613 artigos, após leitura e análise de título, resumo e texto completo, definiu-se os estudos que estavam em conformidade para dar sequência à pesquisa (Figura 1).

Figura 1 - Delineamento da seleção dos artigos na busca às bases de dados.



Fonte: O autor, 2020

A ilustração apresenta a busca nas bases de dados PubMed, BVS e Google Scholar, proporcionando retorno de estudos. Porém, muitos desses são de subtemas diversos, cujos assuntos tratados não concordam com a proposta da presente pesquisa. Dessa forma, os nove estudos foram incluídos com base nos critérios de inclusão e exclusão e selecionados para dar continuidade à pesquisa.



Os autores Shekhar e Hannah (2020), concordam que comportamentos associados ao abuso de substâncias estão interligados a situações de vida social que favorecem a disseminação do vírus pela comunidade, como encontros em bares e festas. Esse risco à sociedade deriva de partículas carregadas com SARS-CoV-2 por meio da fumaça de vaporização e flutuação de mefíticos. Ademais, hábitos repetidos de cuspir são habituais em mascaradores de tabaco.

Ainda, outros aspectos dizem respeito ao compartilhamento de cigarros, álcool e agulhas entre grupos de pessoas, constituindo-se fatores que aumentam a chance de surto (HINDUSTAN, 2020). Entretanto, substâncias viciantes como álcool, produzem ativação prolífica do sistema de recompensa promovendo prazer temporário para eles (HOEFLICH et al., 2019; CLAY e PARKER, 2020). O contato frequente e, por vezes, motivo de preocupação dos profissionais da saúde com indivíduos contaminados, pode influenciá-los à adicção de substâncias e drogas psicoativas. A escolha dos produtos seria definida pela acessibilidade facilitada, baixo custo e capacidade para acalmar sentimentos negativos.

Neste contexto, o especialista Patwardhan (2020), alertou acerca da possibilidade de aumento da frequência de tabagismo entre fumantes atuais e maior chance de recaída entre ex-fumantes. Partindo para o contexto familiar, existe a possibilidade de aumento da frequência no consumo de bebidas alcoólicas e o ato de fumar no próprio domicílio (REYNOLDS, e WILKINSON, 2020; EGBE, 2020). Fato que aumenta a probabilidade de impacto negativo direto no ambiente familiar, especialmente para crianças.

O uso constante de bebidas alcoólicas propicia redução nos mecanismos de defesa do corpo, devendo-se ao enfraquecimento do sistema imunológico inato e adquirido (PELAYO, 2020). Isto reflete no aumento do risco de infecções, como tuberculose, HIV-AIDS e, também relacionado, COVID-19. Vale salientar que os efeitos provocados pela pandemia nos usuários de substâncias e viciados serão afetados pela crise do COVID-19 (DA; GENE e SCHIANO, 2020). Neste aspecto, McFarlin e Fals-Stewart (2002), apontam que o uso indevido de substâncias pelos profissionais de saúde diminui a produtividade e aumenta o absenteísmo. Este fato colabora para redução na qualidade e suporte adequado na prestação de serviços essenciais à população.



De outro modo, em sua pesquisa, McKay et al. (2020), identificou que a repulsa, uma emoção projetada para proteger-se do contato com patógenos, está criticamente envolvida no medo da COVID-19 por níveis mais elevados de consciência interoceptiva. Nesse sentido, a ativação desse sistema de proteção também conduz a esforços para identificação de fontes de infecção tangíveis, correspondendo, por sua vez, na promoção de xenofobia e estigma.

A xenofobia se apresenta como estressor único e específico para profissionais de saúde, pois estes retratam mais propensão a ser alvo de discriminação da população em geral. Além disto, Saridi et al. (2016), demonstraram que o estresse econômico associado à pandemia da COVID-19 aumenta o risco do uso de álcool por profissionais de saúde, especialmente para mulheres e trabalhadores de baixa escolaridade.

Nesse sentido, a Associação de Medicina Intensiva Brasileira (2020), aponta como fundamental a necessidade de desenvolver a comunicação nas equipes de saúde, de forma a estabelecer um clima de reciprocidade e cooperação empática. Assim, permitindo a expressão de sentimentos e sintomas como o esgotamento emocional motivado pelos processos de trabalho por vezes extenuantes. Além disso, psicoeducação e orientações quanto aos sintomas de estresse pós-traumático, ansiedade e depressão devem ser fornecidas às equipes (ZHU et al., 2020).

No que tange à discussão da contaminação dos profissionais da saúde, faz-se necessário a sinalização de Teixeira et al. (2020), acerca da incidência de casos devido a exposição a qual estão submetidos: contato com pacientes assintomáticos, sintomáticos ou diagnosticados com a COVID-19. Assim, as queixas a partir do levantamento de relatos destes trabalhadores circulam em torno do cansaço/exaustão e estresse após longas jornadas de trabalho. Como o contato dessa classe acontece direto com o público, constatou-se vulnerabilidade à doença, reverberando na necessidade de protocolos hospitalares ainda mais rígidos, com o intuito de reduzir os riscos a cada interação com pacientes infectados pelo coronavírus.

Outrossim, os procedimentos protocolares de higienização, esterelização e consequente proteção à saúde do trabalhador são usuais no ambiente hospitalar. Todavia, neste período de pandemia por COVID-19, houve constatações, de acordo com Teixeira et al. (2020), dos malefícios físicos desencadeados por esses métodos. Entre eles: aumento de casos de dermatite devido a higiene frequente das mãos, por exemplo, e ulceração cutânea em áreas como mãos, bochechas, testa e ponte nasal, estando diretamente relacionado ao uso constante



de equipamentos de proteção. A informação apenas destaca as consequências danosas, mas não negligencia a importância desses métodos.

Além dos agravos físicos que também repercutem psicologicamente, longas jornadas de trabalho, exposição e medo de infecção, distanciamento de familiares e exaustão podem se acumular e desembocar na procura e uso de substâncias psicoativas. O consumo de drogas se daria na tentativa de amenizar, suprir ou canalizar os eventos para que haja sublimação dos sentimentos e emoções envolvidos na experiência diária, em suma, estressora (TEIXEIRA et al., 2020). Há casos repetidos de envolvimento de profissionais da saúde e o uso de algumas substâncias. Bryson (2018), já alertava acerca da epidemia de opióides e alta prevalência de transtornos por uso de substâncias em anestesiológicos.

Assim, seu estudo comprovou o aumento considerável de transtorno por uso de substâncias na população médica, inclusive, alcançando proporções maiores que na população em geral. O mesmo autor evidencia que anestesiológicos recém-formados estão submersos em uma sociedade de uso excessivo de medicamentos opióides prescritos. Ainda em consonância com Bryson (2018), a amostra de residentes em anestesia com transtorno por uso de substância na década de 90 diminuiu, entretanto, alavancou posteriormente nos anos dois mil.

Entretanto, apesar do abuso de álcool ser a escolha preeminente por esse público, há o aumento considerável do consumo de anestésicos opióides e não opióides, especialmente o propofol. Apesar da vigilância no que diz respeito ao desvio desses anestésicos em contextos hospitalares, os indivíduos com acesso a esses agentes estão mais suscetíveis e por isso, abusam.

Por conseguinte, Worley (2017), suscita que atualmente existe uma maior incidência de advertência aos enfermeiros sob a justificativa de apresentação de transtornos por uso de substâncias psicoativas. Apesar disso, o contingenciamento desses números preocupantes não são punitivos - suspensão ou revogação da licença - mas de caráter educativo, ou seja, por intermédio de programas tanto de intervenção precoce, quanto de auxílio confidencial para manutenção no emprego.

A referida autora destaca que a atuação dos programas tem sido elementar nas taxas de retenção, atenuação das condenações criminais, bem como na evitação da perda de licenças, de modo que carreiras de sucesso na enfermagem não sejam prejudicadas ou extinguidas. Nesses casos, faz-se necessário fomentar discussões, ainda no contexto acadêmico, com o



intuito de potencializar as atividades preventivas, alertando-os para que identifiquem o perigo e saibam reportar aos superiores.

Destarte, a partir dos desdobramentos acerca do uso de substâncias no período da pandemia por COVID-19, Lapeyre-Mestre et al. (2020), compreende que houve procura substancial por opióides como metadona, heroína e oxicodona, além de benzodiazepínicos, cannabis e óxido nitroso na França. Os autores certificam, mediante a ferramenta chamada “Vigilância de dependência”, que a partir do *lockdown* foram notificados diversos casos envolvendo consumo das substâncias acima mencionadas. Esse levantamento iniciou no mês de março de 2020 e funcionou a partir do trabalho em rede realizado com centros franceses de vigilância, farmácias comunitárias, médicos de clínica geral e unidades de emergência.

É possível perceber que a letalidade desencadeada pelo vírus do COVID-19 não se restringe ao acometimento por infecção, delineando apenas a saúde e doenças físicas, mas também, apresentou-se nos âmbitos econômicos, políticos, sociais e relacionais, segurança e saúde pública. No que concerne a este último, Helioterio et al. (2020), reverberou o caos gerado, com forte e nocivo impacto sob os profissionais da área da saúde. Depreende-se, assim, que uma das consequências da pandemia acentuou a procura e uso de substâncias químicas. E recaiu, a saber, sob os profissionais da saúde, demonstrando a vulnerabilidade a qual estão expostos, independentemente das razões e justificativas idiossincráticas que utilizem para esclarecer o uso de psicotrópicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento a respeito da relação entre os efeitos da pandemia nos diversos cenários da sociedade e uso de substâncias psicoativas, como bebidas alcoólicas e tabaco podem contribuir para redução do impacto do uso pessoal dessas substâncias na saúde dos profissionais de saúde. As consequências do consumo de substâncias psicoativas interferem na produtividade e absenteísmo desses trabalhadores. Nesse sentido, comportamentos associados ao abuso de substâncias psicoativas estão interligados a situações de vida social que favorecem a disseminação do vírus. O fato de utilizar essas substâncias acentua as chances de haver compartilhamento de bebidas alcoólicas e agulhas. Diante disso, o risco para disseminação do vírus e incidência de novos casos se torna favorecido.

O contato frequente dos profissionais da saúde com indivíduos contaminados pelo coronavírus desencadeia situações estressantes, preocupação em contrair a doença. Nesse



contexto, esses profissionais buscam alternativas para contornar efeitos negativos, em especial, o aspecto psicológico. Assim, uma das maneiras apresentadas seria se refugiar na dependência de drogas. Sabe-se que, o uso constante de algumas substâncias, como bebidas alcoólicas, apresenta-se como capaz de reduzir a força dos mecanismos de defesa do corpo, enfraquecendo o sistema imunológico e, por fim, sujeitando-os a maiores chances de desenvolver a doença COVID-19.

Por conseguinte, o estresse suprido pelo desequilíbrio no setor econômico constitui um ponto negativo frente a prevenção do consumo de substâncias psicoativas. Dessa forma, os profissionais da saúde necessitam também de psicoeducação e orientações quanto a sintomas de estresse, ansiedade e depressão no âmbito da equipe. Ademais, outros fatores que relacionam a COVID-19 ao uso de substâncias psicoativas incluem os agravos que se repercutem psicologicamente, longas jornadas de trabalho, exposição e medo de infecção, distanciamento de familiares e exaustão. Estes mecanismos podem se acumular e persuadir os profissionais à busca por distração, algumas vezes, promovida pelo consumo de diversificado de drogas.

Dessa forma, tais implicações se refletem na capacidade de manutenção na prestação de serviços de saúde eficientes e qualificados pelos profissionais de saúde: fisioterapeutas, psicólogos, médicos e enfermeiros. Sugere-se a adoção de suporte de atendimento adequado, apto a suprir demandas públicas de saúde e sociais derivadas da disseminação do vírus na população, em especial, entre profissionais de saúde. No entanto, fazendo menção à vulnerabilidade a qual estão expostos os profissionais de saúde que atuam no enfrentamento à COVID-19, faz-se necessário ressaltar que as estratégias de contingenciamento da infecção, particularmente nesse público, são imprescindíveis para manutenção da vida.

REFERÊNCIAS

ALMENDRA et al. Recomendações para o bem-estar emocional da equipe multidisciplinar durante a pandemia pelo Sars-Cov-2. São Paulo: **Associação de Medicina Intensiva Brasileira**; 2020.

BRYSON, Ethan. The opioid epidemic and the current prevalence of substance use disorder in anesthesiologists. **Curr Opin Anaesthesiol**. Jun;31(3):388-392, 2018.

CLAY, J.; PARKER, M. Alcohol use and misuse during the COVID-19 pandemic: a potential public health crisis?. Portsmouth: **Lancet Public Health**; 5:e259; 2020.



DA, BL; GENE, Y. e SCHIANO, T. COVID-19 hangover: a rising tide of alcohol use disorder and alcohol-associated liver disease. Índia: **Hepatology**; vol. 72, ed. 3, p. 1102-1108, set 2020.

EGBE, C. COVID-19 lockdown and the tobacco product ban in South Africa. **Tob Induc Dis**; May 6;18:39; 2020.

HELIOTERIO, Margarete Costa et al. Covid-19: Por que a proteção de trabalhadores e trabalhadoras da saúde é prioritária no combate à pandemia?. Rio de Janeiro: **Trab. educ. saúde**, v. 18, n. 3, e00289121, 2020.

HINDUSTAN TIMES. Índia News. **Spitting in public, chewing tobacco could spread Covid-19, govt warns.** Nova Delhi, 2020. Disponível em: <<https://www.hindustantimes.com/indianews/spitting-in-public-chewing-tobacco-could-spread-covid-19-govtwarns/story-MA3z2ztbol7tyyD1TDkAWM.html>>. Acesso em: 31 de out. de 2020.

HOEFLICH, A. et al. Circuit mechanisms of reward, anhedonia, and depression. Áustria: **Int J Neuropsychopharmacol**; 22:105e18; 2019.

KENNA, G. e LEWIS, D. **Fatores de risco para uso de álcool e outras drogas por profissionais de saúde.** [S.I.; s.n.]; 3(1): 3; 2008.

MCKAY, D. e ASMUNDSON, G. Estresse COVID-19 e uso de substâncias: questões atuais e preparações futuras. [S.L]: **J Anxiety Disord.**; 74: 102274; ago 2020.

PATWARDHAN, P. COVID-19: risk of increase in smoking rates among England's 6 million smokers and relapse among England's 11 million ex-smokers. [S.L]: **BJGP Open**, Apr 7; 2020.

LAPEYRE-MESTRE, M et al. Addictovigilance contribution during COVID-19 epidemic and lockdown in France. [S.L]: **Therapie**; 75(4):343-354; 2020.

LÓPEZ-PELAYO et al. "A era pós-COVID": desafios no tratamento do transtorno por uso de substâncias (SUD) após a pandemia. [S.L]; **BMC Med.**; 18: 241; 2020.

SARIDI, M. et al. Avaliação do uso de álcool em profissionais de saúde durante a crise econômica. **British Journal of Nursing**; 25 : 396-405; 2016.

TAYLOR et al. Development and initial validation of the COVID Stress Scales. **Journal of Anxiety Disorders**, vol 72, 2020.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Rio de Janeiro: **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3465-3474; 2020.

REYNOLDS, J. e WILKINSON, C. Accessibility of 'essential' alcohol in the time of COVID-19: casting light on the blind spots of licensing?. [S.I]; **Drug Alcohol Rev**; 39:305e8; 2020.



SHEKHAR, S. e HANNAH, F. Hookah smoking and COVID-19: call for action. [S.I]: **CMAJ (Can Med Assoc J)**;192:E462; 2020.

ZHANG et al. Survey of insomnia and related social psychological factors among medical staff involved in the 2019 novel coronavirus disease outbreak. [S.I]: **Front Psychiatr**;11:306; 2020.

ZHU et al. The risk and prevention of novel coronavirus pneumonia infections among inpatients in psychiatric hospitals. [S.I]: **Neurosci Bull**; 36:299-302; 2020.

WORLEY, Julie. Nurses With Substance Use Disorders: Where We Are and What Needs To Be Done. [S.I]: **J Psychosoc Nurs Ment Health Serv.**, 1;55(12):11-14; 2017.

WO, LI-TZY. Abuso de substâncias e reabilitação: Respondendo à carga global de doenças atribuíveis ao abuso de substâncias. [S.I]: **Abuso de substâncias e reabilitação**; (1): pag 5–11; 2010.